

# ROTEIROS TURÍSTICOS CULTURAIS: UMA ANÁLISE PROPOSITIVA NOS BAIROS DA CIDADE ALTA E RIBEIRA, NATAL, BRASIL

**Área Temática: Turismo y patrimonio**

Isabella Ludimilla Barbosa do Nascimento  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) / Brasil  
[isabella\\_ludimilla@hotmail.com](mailto:isabella_ludimilla@hotmail.com)

Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) / Brasil  
[wilkernobrega@yahoo.com.br](mailto:wilkernobrega@yahoo.com.br)

Silvio José de Lima Figueiredo  
Universidade Federal do Pará (UFPA) / Brasil  
[slima.figueiredo@uol.br](mailto:slima.figueiredo@uol.br)

## RESUMO

Natal é uma cidade que possui como principal atrativo turístico o sol e praia. Entretanto, o seu patrimônio histórico edificado é deixado um pouco de lado e não recebe tanto fluxo de turistas. Algumas empresas operam nessa região, mas ainda o fazem de forma panorâmica através de *city tour* realizado dentro de um ônibus ou van. O Centro Histórico de Natal é delimitado pelos bairros da Cidade Alta e Ribeira, os primeiros da cidade. Eles possuem diversas edificações de distintas épocas e estilos arquitetônicos, o que estimula as pessoas a conhecerem a história e a cultura do povo potiguar. Essa prática de visitar os centros históricos das cidades faz parte das atividades realizadas pelo turismo cultural, uma vertente que está relacionada com a obtenção de conhecimento e integração de forma direta com a população local, de modo a proporcionar esse intercâmbio cultural e a troca de experiência entre os nativos e os turistas. A partir dessa realidade, o trabalho em questão propõe como objetivo geral elaborar uma proposta de roteiro de visitação turística nos bairros da Cidade Alta e Ribeira, a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual. A metodologia utilizada para a realização desse trabalho foi do tipo pesquisa descritiva e exploratória referente ao objeto de estudo em questão. Além do material bibliográfico consultado, foi realizada uma coleta de dados *in loco* através de entrevistas aos funcionários dos prédios históricos, aos representantes religiosos das igrejas e aos turistas. A partir dos resultados, nota-se a importância desse desenvolvimento para proporcionar uma experiência do turista com a cultura e a história local. Entretanto, é necessário que haja uma intervenção mais presente do poder público para planejar o desenvolvimento dessa atividade e proporcionar a estruturação desse espaço para promover e também receber um fluxo maior de turistas.

Palavras-chave: Patrimônio; Centro Histórico; Turismo cultural.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das segmentações do turismo que é voltado para o conhecimento e a interação dos visitantes com a comunidade é o turismo cultural. Uma de suas possíveis atividades é a visitação aos patrimônios históricos, na qual geralmente é realizada através de um roteiro pelos lugares do início da construção das cidades. Nessa visita, os turistas entram em contato com a realidade local, conhecendo um pouco mais sobre os espaços e os aspectos culturais presentes na história local.

O turismo cultural está crescendo cada vez mais e se caracterizando como um dos roteiros preferidos dos turistas. Em vários locais do mundo, como os Estados Unidos e outros países Europeus, o número de museus e de patrimônios históricos utilizados para o turismo vem aumentando, segundo dados disponíveis no Ministério do Turismo do Brasil (MTur). Esse fato contribui para o aumento da permanência dos turistas na destinação e aumentar o gasto médio durante a sua estada.

Cada cidade possui suas características próprias e particularidades referentes aos seus hábitos e costumes, o que desperta a curiosidade e a atenção do turista em conhecer a história e a cultura de outras localidades. Sendo assim, esse tipo de prática do turismo cultural habitualmente inclui o centro histórico da localidade, e pode ser uma alternativa de diversificação do produto

turístico. Um exemplo disso é a própria cidade do Natal, que tem como principal atrativo turístico a oferta do turismo de sol e mar, e pode oferecer uma opção do turista conhecer a história e a cultura da cidade, visualizando *in loco* o modo de vida de seus habitantes.

Em um contexto onde as cidades recebem cada vez mais fluxos de turistas, Natal é uma destinação conhecida pela diversidade de atrativos naturais. As agências de viagens receptivas vendem e divulgam amplamente as praias, dunas, falésias e os passeios de *buggy* pelo litoral e os passeios de barco. Esses recursos existem em abundância e é o principal motivo da viagem dos turistas quando visitam Natal, entretanto, a parte histórica da cidade não é tão promovida e os visitantes não têm conhecimento e acesso à visita ao centro histórico. Apesar dessas limitações, alguns turistas que são mais interessados nessa área e buscam interagir mais com a população local, pesquisam e fazem as visitas ao centro da cidade por conta própria.

Em várias localidades do Brasil, os centros históricos são utilizados como principais atrativos da cidade, e há a concentração do turismo nessas áreas. Um exemplo disso é a cidade de Ouro Preto, de forma que a sua cultura, suas manifestações culturais e arquitetura são os seus principais destaques. Se for uma ação bem planejada e que os limites dos patrimônios sejam respeitados, a visita ao centro histórico e a utilização de seus espaços poderão trazer vários benefícios para os residentes, estimulando o seu sentimento de pertencimento do lugar.

O Centro Histórico de Natal é compreendido entre os bairros da Cidade Alta (onde foi fundada a cidade) e a Ribeira, e possui vários edifícios e monumentos de épocas e estilos distintos. Eles demarcam o início da formação da cidade, com prédios que representam fatos históricos e acontecimentos decorridos através do tempo, e a sua evolução e desenvolvimento. Ao seu redor, há uma área urbana e moderna, sendo esse o centro da cidade e uma região comercial de grande circulação de pessoas. Essa distinção proporciona a comparação de como a sociedade vivia antigamente, o modelo de suas casas, como era feita a divisão da cidade e das suas ruas, os materiais que eram usados nas construções, e como evoluiu no decorrer do tempo, com a presença de grandes prédios modernos, mais altos e com outro tipo de arquitetura, a utilização de equipamentos tecnológicos, dentre outros. A parte histórica e a sua área de entorno são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e necessitam de uma preservação e conservação adequada.

Sendo assim, tem-se como problemática da pesquisa a seguinte questão: de que forma é possível elaborar uma proposta de roteiro de visita turística cultural nos Bairros da Cidade Alta e Ribeira a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual?

O principal objetivo deste trabalho é elaborar uma proposta de roteiro de visita turística cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira a partir de uma releitura do cenário social, cultural e político atual. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar as políticas/ações de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal; levantar o perfil socioeconômico e a percepção do turista que visita o patrimônio cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira; levantar os principais patrimônios edificados no Centro Histórico de Natal; avaliar o grau de conservação e o uso público do patrimônio material edificado.

Para o desenvolvimento e realização dessa pesquisa, foram utilizados como procedimentos metodológicos o estudo exploratório e descritivo, a observação e a pesquisa de campo, na qual foi realizada uma abordagem qualitativa. O estudo exploratório consiste em levantar as informações a respeito do estudo através de pesquisas bibliográficas e a análise de exemplos e estudos de caso que estimulem a compreensão e possa servir para embasar o conhecimento a respeito do tema. Já a pesquisa descritiva baseia-se no conhecimento profundo do problema por parte do pesquisador, onde descreve e analisa os fatos decorrentes do objeto de estudo (GIL, 2010). Inicialmente, foi realizada a pesquisa bibliográfica exploratória através de livros, artigos científicos e fontes documentais, a fim de levantar a literatura referente ao objeto de estudo e também a identificação do estudo de caso. A pesquisa descritiva foi realizada quanto se trata da caracterização e da contextualização do centro histórico e do seu patrimônio material, descrevendo suas características e seus atributos.

A pesquisa de campo consistiu na realização de entrevistas para a coleta de dados, propiciando a análise entre a causa e o efeito de determinado fenômeno ou ação sobre algo. A observação é um método utilizado a fim de investigar um determinado assunto de maneira crítica e minuciosa a partir de vê-lo e/ou ouvi-lo (CÁS, 2008). Para a referida pesquisa, essas etapas foram utilizadas para investigar o grau de conservação e o uso público do patrimônio material edificado, além de levantar o perfil socioeconômico e a percepção do turista que visita o patrimônio cultural nos bairros da Cidade Alta e Ribeira.

Em relação à população e amostra, foram utilizados os seguintes atores para a coleta de dados: os funcionários dos prédios históricos, os turistas e os representantes religiosos das igrejas. Durante a pesquisa, foram entrevistadas 24 pessoas no total. Nos prédios históricos, foram entrevistados 16 funcionários, dentre eles dois representantes das instituições religiosas, onde buscou-se levantar a realidade do fluxo turístico e do funcionamento do edifício, além do seu uso público e do seu estado de conservação. No caso dos representantes religiosos, foi levantada também a respeito da percepção da Igreja quanto à atividade turística acontecendo nos templos religiosos. Foram entrevistados 8 turistas, no intuito de pesquisar o seu perfil socioeconômico e a sua percepção sobre o Centro Histórico de Natal como um produto turístico. Esse baixo número de turistas entrevistados indica a realidade de que a maioria dos turistas que visitam os bairros da Ribeira e Cidade Alta o faz através de ônibus e poucos são os que realizam o percurso a pé.

Em relação à escolha dos entrevistados, essa seleção deu-se por conveniência, que segundo Dencker (1998) trata-se de uma seleção que o pesquisador escolhe membros da população mais acessíveis para a realização da entrevista. A coleta de dados aconteceu entre o período dos dias 22 de outubro a 04 de novembro de 2013 nos prédios históricos dos bairros da Cidade Alta e Ribeira, onde foram realizadas as entrevistas e também foram realizados os registros fotográficos.

Os dados coletados foram organizados de acordo com os atores pesquisados, sendo eles os funcionários dos prédios, os representantes religiosos e os turistas, onde foi feita uma análise qualitativa de modo a categorizá-las (DENCKER, 1998).

Posteriormente foi realizada uma análise descritiva com as informações coletadas com o objetivo de representar a situação. Essa análise proporcionou organizar um quadro atual a respeito da realidade vivenciada pelos prédios do centro histórico, facilitando a sua análise e possibilitando uma visão holística do objeto de estudo. Dessa forma, foi possível cruzar os dados e verificar as conformidades das respostas e apontar os principais problemas e pontos fortes e fracos do Centro Histórico de Natal.

A pesquisa em questão é relevante por se tratar de uma vertente ainda pouco explorada e que possui produções acadêmicas insuficientes para o turismo cultural em Natal. Além disso, trata-se também de uma área em desenvolvimento e expansão na cidade, de modo que os turistas que visitam a Natal procuram também por outras atividades complementares além do sol e mar, e o Centro Histórico de Natal tem a potencialidade de atender a essa demanda.

## **2 TURISMO CULTURAL E PATRIMÔNIO MATERIAL: TEORIA E PLANEJAMENTO**

### **2.1 Turismo e Cultura**

O processo de globalização vem desenvolvendo e tornando as dinâmicas sociais e comerciais distintas daquelas que ocorriam há 50 anos, onde a comunicação e o deslocamento das pessoas e das cargas eram realizadas de forma lenta e sem muitos recursos tecnológicos o que possibilita rápida locomoção e repasse de informações que existe atualmente. A atividade turística vem acompanhando e se desenvolvendo juntamente com essa evolução. Dias e Aguiar (2002, p. 11) afirmam que “o turismo, por sua vez, está diretamente relacionado com eles, na medida em que o crescimento está associado com o fenômeno da globalização”. Eles se referem à globalização e a terceira revolução científico-tecnológica, onde a expansão da rede de transportes e das telecomunicações modificou e acelerou de forma significativa as relações pessoais, e principalmente as comerciais. A informação chega mais rápida para alguém em qualquer parte do

mundo, e a maioria da população mundial tem acesso às tecnologias que possibilitam estarem antenadas as novas tendências e em tudo o que acontece no planeta.

Pesquisas apontam o turismo como sendo uma das principais atividades econômicas do mundo, onde gera milhões de emprego e muitas divisas para o destino receptor. Segundo dados da OMT de uma pesquisa realizada em 2009 pelo mesmo órgão, as viagens internacionais cresceram 4,2% ao ano, durante o período de 2000 a 2008, gerando um valor de aproximadamente US\$ 5 trilhões de dólares. Além disso, ainda existe o efeito multiplicador, onde afeta não apenas o setor turístico, mas outros setores da economia que estão interligados com os serviços utilizados pelos turistas, como afirma Portuguez (2004, p. 36):

O turista é um grande consumidor de bens e serviços; sua presença dinamiza os diversos setores da vida da cidade, gera riqueza e emprego e introduz novas modalidades no consumo e nos usos do solo urbano (restaurantes, hotéis, comércio turístico, estacionamento, etc).

Além da questão econômica, o fator cultural também é importante para o turismo. Um dos principais interesses do turista é viajar para conhecer a história, a cultura de outros lugares.

Laraia (1989) relata a respeito da dificuldade de conceituar a cultura. Muito foi discutido no decorrer dos anos e vários aspectos foram levados em conta. Santos (2006) afirma que a cultura é muito ampla, que “se entende muita coisa” (2006, p. 21) e daí surge a sua complexidade e a dificuldade em achar um conceito que englobe todos os seus elementos envolvidos.

Para o Ministério do Turismo (MTUR), a cultura pode ser entendida como “o conjunto de crença, costumes, valores espirituais e materiais, realizações de uma época ou de um povo, manifestações voluntárias que podem ser individuais ou coletivas pela elaboração artística ou científica.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007, p. 8).

Entretanto, para os fins desse trabalho, será utilizada a definição dada por Santos (2006, p. 64) por se tratar diretamente do objeto de estudo do trabalho em questão e suprir o seu objetivo “pode implicar uma ênfase no modo de ser e sentir que seja típico de uma população, que seja característico dela, que seja mesmo um patrimônio seu.”

É importante ressaltar que a cultura é um processo dinâmico. As pessoas são influenciadas todos os dias por elementos culturais e naturais, e costumes antigos também podem ficar inadequados à realidade atual, de forma que os hábitos estão aptos a mudanças (SANTOS, 2006).

As primeiras viagens de que se tem registro que evidencia a cultura como principal motivação de uma viagem, tendo seu auge principalmente durante o século XIX, onde os jovens de classe média alta viajavam pela Europa para adquirir conhecimento e experiência de vida. Referente a isso, Barretto (1995, p. 49) afirma que “o turismo passou a ser educativo, com interesse cultural. É o período do chamado “turismo neoclássico”, no qual a viagem era um aprendizado, complemento indispensável da educação”. Atualmente, essa motivação se torna mais presente em visitar os lugares para adquirir conhecimento e experiência, mas as pessoas fazem isso pela satisfação e curiosidade, não mais como uma etapa essencial da sua educação e formação.

## 2.2 Turismo cultural e patrimônio histórico

A cultura é algo intrínseco a todo ser humano, cada um com a sua particularidade e fato peculiar. São essas diferenças e singularidades que atraem os turistas a saírem de seus locais de origem para saber como vivem as pessoas que possuem uma cultura distinta da sua. Referente a essas motivações e deslocamentos, Funari e Pinsky (2003 p. 7) afirmam:

Todas essas movimentações implicam contato humano e cultural, trocas de experiências entre os viajantes e a população local. Essa parece ser a essência mesma do turismo, pois, principalmente com as novas tecnologias, quase tudo se poderia fazer sem sair de nosso ambiente, tanto descansar quanto aprender uma língua estrangeira. Em princípio, portanto, as pessoas só decidem viajar quando querem entrar em contato com outros costumes e maneiras de viver, com outros povos e culturas, com outras realidades.

Um tipo de turismo que vem crescendo e ganhando mais espaço na mídia e na escolha dos turistas é o turismo cultural. De acordo com uma pesquisa realizada pelo MTur em 2009, na qual eram investigados os hábitos de consumo dos turistas brasileiros, em relação ao principal motivo da escolha do destino turístico, conhecer a cultura e a população local aparece em terceiro lugar, com 13,2% do total dos entrevistados. Os dois primeiros lugares apontam para a busca por atrativos naturais/natureza e praias, que totalizam 55,1% dos pesquisados. Este dado revela que se sobressai o número de turistas em busca de contato com a natureza, mas começa a ganhar espaço o interesse pelas questões culturais.

A valorização em conhecer outras culturas e poder obter conhecimento com elas é valorizada há bastante tempo. Dias e Aguiar (2002 p. 133) definem essa atividade como sendo “uma atividade de lazer educacional que contribui para aumentar a consciência do visitante e sua apreciação da cultura local em todos os seus aspectos – históricos, artísticos etc.”. Essa prática envolve a interação entre o visitante e a população local, de forma que possibilita esse intercâmbio de culturas e que os turistas conheçam os hábitos e costumes dos habitantes. Essa interação pode ser feita através de visitas a museus, galerias, centros históricos, monumentos, e outros aspectos que influenciem no enriquecimento cultural de quem o visita. Referente a isso, Ferreira *et al* (2012 p. 112) afirmam que:

A busca pelo passado, a contemplação das estruturas antigas e a compreensão dos mecanismos que as produziram são, em boa verdade, uma parte importante na definição do turismo cultural e o motor desta nova economia das cidades.

Funari e Pinsky (2003 p. 7) afirmam que “não é o que se vê, mas o como se vê, que caracteriza o turismo cultural.” E essa é a sua principal diferenciação dos demais, o estímulo ao conhecimento e a interação das sociedades que possibilitam a troca de experiências e o enriquecimento cultural que isso vem a acrescentar.

Para o MTur (2007), existem quatro questões essenciais para uma gestão eficiente do turismo cultural, sendo elas: preservar, conservar e manter a originalidade dos elementos que tenham importância histórica e cultural para uma localidade; desenvolver o turismo com base local, ou seja, visando o desenvolvimento da comunidade como um todo; prezar pela qualidade da experiência turística do visitante ao entrar em contato com a cultura local; e estabelecer parcerias bem sucedidas entre os agentes de turismo e os gestores que administram os espaços culturais das destinações.

Um elemento relevante para representar a história e a cultura de um povo é o patrimônio. Essas construções são elementos que designam de uma edificação que foi construída e que marca a memória de forma a não deixar esquecer lembranças importantes na história de uma cidade, e também como um fator de embelezamento (CHOAY, 2006).

Inicialmente, as pessoas não estavam tão interessadas em salvaguardar o patrimônio. Ainda não havia essa concepção de bens materiais coletivos, onde até a Idade Média as posses eram privativas da aristocracia patriarcal que o patrimônio, ou seja, a herança era passada de pai para filho, ou era uma catedral ou edifício religioso que pertencia a Igreja. Apenas no Renascimento que surge a preocupação de guardar objetos que as pessoas julgavam importantes, onde existiam os colecionadores de Antiguidades, entretanto, ainda eram restritas as pessoas que tinham mais condições financeiras (FUNARI, 2009).

Apenas durante a Revolução Francesa, no século XVIII, foi que surgiu a preocupação em preservar os seus monumentos. O país estava devastado pela guerra, era necessário manter a cultura francesa e resgatar os seus valores, compartilhar da igualdade entre os homens a partir de costumes em comum. Outro fator que influenciou para a preservação do patrimônio material foi a Revolução Industrial, onde a partir da construção de prédios e casas modernas, foi possível observar a diferença entre os estilos e as técnicas que eram utilizadas antes desse período e os novos edifícios que estavam sendo construídos, onde esse contraste proporcionou a preocupação em preservar esses bens que caracterizavam o passado de uma sociedade (CHOAY, 2006).

A relevância de se preservar deu-se pelo entendimento de conservar a memória e a tradição de um povo através do seu patrimônio edificado. As ruínas de Machu Picchu, localizado no território peruano, por exemplo, possuem aspectos do modo de vida dos povos pré-colombianos, e nós conseguimos ter uma noção de como viviam esses antepassados a partir dessa construção, além de ser uma belíssima edificação (PELLEGRINI FILHO, 1993).

Entretanto, a escolha do que preservar é bem complexa. Vale ressaltar ainda que existe uma diferença entre preservar e conservar. Barretto (2000, p. 15) aponta que:

Preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por alguma outra que lhe possa ocasionar dano. Conservar significa manter, guardar para que haja uma permanência no tempo. Desde que guardar é diferente de resguardar, preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural.

Dessa forma, para preservar algum patrimônio, uma das medidas mais utilizadas é a do tombamento. Esse processo consiste em registrar o bem no “livro de tomo”, de modo que ali ficam registrados os patrimônios que possuem algum valor histórico e cultural e são amparados pelas leis de preservação, o que acarreta em não demolir e nem modificar as características originais e essências (BARRETTO, 2000). Pellegrini Filho (1993, p. 95) ainda complementa que “contendo um valor simbólico no contexto da sociedade em que ocorrem, os traços culturais devem ser tratados e registrados como bens patrimoniais.”

Sendo assim, vários são os fatores e indicadores para que um bem individual ou coletivo seja reconhecido. Referente a esse processo, Funari e Pinsky (2003 p. 16) apontam que:

A construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento.

Dessa forma, devem ser identificados os prédios históricos que representem a história e os acontecimentos da sua época e preservá-los como marco da sua cultura.

Todavia, o patrimônio, por si só, não dá conta de remontar e contar a história de uma cidade e de uma população. Segundo Martins (2006, p. 39):

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico. A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos, e ajuda a criar essa amálgama, sem o qual não se pode falar de territorialidade. Esta não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos.

A partir dessa afirmação, pode-se perceber que o patrimônio por si só não caracteriza uma identidade, e sim os símbolos, os significados, a relação entre a história e os aspectos que englobam esse legado com a comunidade local que preserva essa memória. Esse conjunto de valores e noções constrói um cenário singular da história e do legado local, imprimindo assim a singularidade e a peculiaridade do lugar, formando sua identidade e exaltando sua relevância para a sociedade. Com a valorização do patrimônio por parte do turismo, ele passará a ser mais notado e a sociedade local pode começar a observar os monumentos como parte integrante do seu passado e da sua história.

Com o desenvolvimento do turismo nos centros históricos, um ponto a ser refletido é acerca da utilização dos prédios históricos para os interesses atuais, ou seja, a sua funcionalidade atual. Acredita-se que não é necessário apenas a sua preservação, mas também uma utilização adequada e uma dinamização do seu espaço.

Esse processo de atribuir outra funcionalidade ao prédio antigo é chamado de ressignificação. O processo consiste em dinamizar e manter o uso constante da edificação,

garantindo assim, que ela seja conservada e não abandonada, contanto que obedeça e mantenha as características arquitetônicas e estruturais do patrimônio (BARRETTO, 2000).

O turismo se utiliza do patrimônio de forma que é um dos principais atrativos para os turistas. “Na realidade, o que torna o lugar atraente é a cultura de sua gente, o jeito que esse povo encontrou de estar e ser em sua existência, em seu espaço, vivendo sua realidade” (MARTINS, 2006, p. 40). É a partir da sua visita que o visitante conhece *in loco* e interpreta como é/era a vida da sociedade local da destinação em que se está visitando a partir das suas formas arquitetônicas. Ele fica curioso para conhecer uma cultura diferente da sua e quer interagir com o dissemelhante (PORTUGUEZ, 2004).

Essa prática de interpretar o patrimônio e comunicar ao turista e/ou visitante possibilita um envolvimento mais próximo e uma experiência afetiva, de forma que o sensibilize para a valorização e a preservação do seu legado cultural, como afirma Murta e Albano (2002, p. 10):

Desenvolver a preservação e a interpretação de nossos bens culturais, traduzindo seu sentido para quem os visita. Mais que informar, a interpretação tem como objetivo convencer as pessoas do valor de seu patrimônio, encorajando-as a conservá-lo. Esta é a sua essência.

Uma possibilidade de visitar os centros históricos e obter uma experiência significativa é a partir da educação patrimonial, onde esse processo proporciona uma integração mais direta do morador com a sua história e do visitante com a realidade da população local. Essa metodologia está focada em estimular o conhecimento, a apropriação e a valorização das pessoas para com o seu patrimônio cultural, seja ele de forma individual ou que represente a história comum entre várias pessoas. Referente a esse processo, Barreto *et. al.* (2008 p. 39) afirma que:

A educação patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural, seus produtos e manifestações, despertando nos cidadãos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.

Contudo, vale destacar que as ações apontadas por diferentes teóricos aqui discutidos, devem compor um leque de ações que devem integrar o arcabouço do planejamento turístico voltado aos aspectos históricos culturais.

Planejar é algo intrínseco a todos, no qual utilizamos disso para realizar as nossas decisões, podendo ser a respeito de como será o nosso futuro ou também para organizar o nosso dia a dia. Para Ávila (2009, p. 26):

Planejar consiste em prever antecipadamente uma série de ações, projetando um plano de atuação, de forma a chegar a uma situação desejada de forma coerente, organizada e sistemática. Adotar um planejamento significa que os idealizadores de uma determinada atividade pensam antecipadamente seus objetivos, e que suas ações serão baseadas em algum método e não em crenças e palpites.

No caso do turismo, é necessário que se faça o planejamento buscando o desenvolvimento da cidade e da infraestrutura necessária para a realização da atividade turística.

Para ordenar e organizar o planejamento do turismo, algumas etapas devem ser consideradas. Acerenza (2002) destaca que o planejamento inicia-se pela pesquisa, onde será analisado e identificado as necessidades da localidade, e após esse reconhecimento é realizada a preparação e a estruturação do plano, onde será decidido os objetivos, os recursos humanos e financeiros que serão utilizados, as metas, e todas as ações que serão estruturadas. Posteriormente é realizada a execução do programa onde será posto em prática tudo o que foi planejado, e por fim, o controle de gestão para acompanhar a sua implementação e a avaliação de resultados. Outros elementos que também podem ser utilizados durante o planejamento é o inventário turístico, que consiste no levantamento das informações pertinentes para desenvolver o turismo na localidade, e o diagnóstico, que seria a análise do inventário com o apontamento do potencial e dos melhoramentos que podem ser efetivados na destinação.

Outro fator essencial que deve ser levado em conta na hora de se planejar o turismo é a constante monitoramento, que deve ser realizado durante e depois da execução dos projetos e políticas a serem implementadas. Essa ação deve ser feita para acompanhar o processo, e para ter a certeza de que os objetivos foram alcançados. A respeito disso, Barretto (1991, p. 13) assegura que:

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um devir, um acontecer de muitos fatores concomitantes que tem que ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico é lícito a permanente revisão, a correção do rumo. Exige um repensar constante mesmo após a concretização dos objetivos.

É essencial também que haja a participação da comunidade no processo de planejamento da cidade, pois ela será diretamente impactada de forma positiva ou negativa com o fluxo turístico que a destinação pode atrair. Relativo a essa questão, Barretto (1991, p. 13) afirma “turismo implica não apenas dinheiro circulando, equipamentos sendo construídos e serviços de apoio sendo administrados. Implica pessoas se deslocando, comunidades recebendo pessoas.”.

A política pública é organizada de modo a fornecer estrutura para desenvolver a atividade turística. Sobre isso, Acerenza (2002, p. 276) afirma que:

A administração pública é que dá vida às estruturas e às instituições que constituem o Estado, por meio de procedimentos e processos sistematizados que colocam o governo em ação, e conseqüentemente, os órgãos e pessoas que integram.

Para tanto, o governo elabora ações que buscam desenvolver ou melhorar o turismo na região, sendo as políticas públicas, no qual Nóbrega (2012, p. 93) define como sendo “a intervenção do Estado na sociedade através de estratégias de planejamento”, no qual estão associados os aspectos que envolvem a sociedade, sendo ele a economia, a segurança, a questão ambiental, e também o turismo.

Uma estratégia utilizada para organizar e comercializar o turismo, é através da formação de roteiros turísticos. Essa ferramenta compreende um itinerário organizado de modo a programar uma visita aos atrativos da cidade, e dessa forma, facilitar e possibilitar que o turista tenha conhecimento do que ele irá visitar e lhe de uma opção de escolha de como irá fazê-lo (TAVARES, 2002). Para tanto, é necessário que haja uma pesquisa prévia a respeito do local onde será feito o roteiro turístico, onde se deve conhecer profundamente os atrativos e os serviços que estão inseridos ali e quais as possibilidades para fazer esse percurso ou o transporte que será utilizado (BAHL, 2004).

Um roteiro também pode ser chamado de *city tour* e essa expressão é muito utilizada quando os turistas visitam os centros históricos das cidades, onde fazem um *city tour* panorâmico ou a pé pelos bairros históricos das cidades. Alguns não têm o poder de atrair tantos turistas quanto os elementos naturais, mas ele se torna uma opção de lazer que além de proporcionar essa experiência ao turista, também possibilita aumentar a permanência dos mesmos na cidade, fazendo com que eles gastem mais e gerem mais divisa para a localidade (TAVARES, 2002).

Dessa forma, os roteiros podem ser direcionados também aos Centros Históricos e atender à demanda do turismo cultural, onde em alguns lugares a sinalização turística e as informações não são suficientes para orientar os turistas, que na maioria das vezes não tem conhecimento sobre o local e necessitam disso para se deslocar nesses espaços e para ter mais autonomia de conhecer o patrimônio material das destinações turísticas.

### **3 CIDADE DO NATAL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS**

#### **3.1 A fundação de Natal e a sua conjuntura atual**

Em dezembro de 1599 foi fundada a cidade do Natal, marcada pela construção da Fortaleza dos Reis Magos. Cascudo (1999) aponta que no dia 25 de dezembro desse ano foi inaugurado o

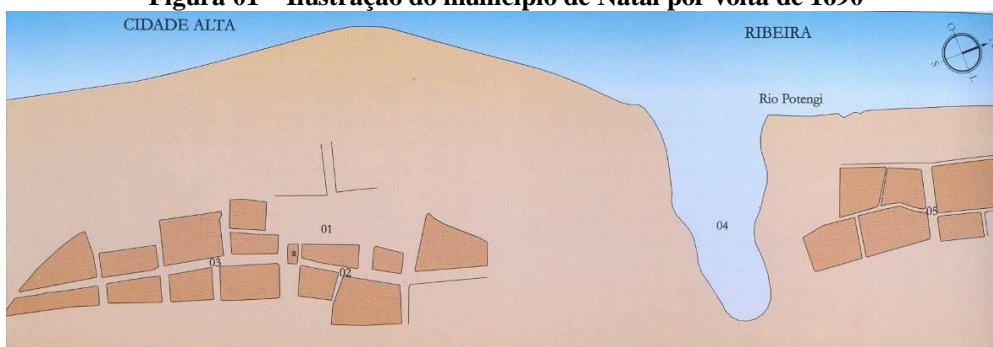


pelourinho e igreja matriz, e em virtude da data, a cidade foi batizada homenageando o nascimento de Jesus Cristo. E assim, iniciava-se a povoação da cidade, tendo a sua origem no bairro da Cidade Alta. Durante a construção do forte, alguns trabalhadores moraram ao seu redor, entretanto, estavam ali na proporção de adiantamento do trabalho, não com o objetivo de povoar. Foram feitas demarcações com cruzes para delimitar os limites do território, assim como de costume desse período, onde uma ficava na Rua da Cruz (atual Junqueira Aires) e outra no declive do baldo, onde ficava o rio de beber (onde até hoje existe uma cruz que popularmente simboliza a Santa Cruz da Bica). As construções iniciais eram feitas de taipa e telha, e o desenvolvimento foi bastante lento, visto que 15 anos após a sua fundação existiam apenas doze casas, e ainda em 1631 o número aumentou para sessenta (CASCUDO, 1999).

O bairro da Ribeira também foi um dos primeiros da cidade, tendo seus primeiros moradores a partir de 1603 (Cascudo, 1999). Recebeu esse nome porque onde atualmente está a Praça Augusto Severo existia um grande alagado do rio Potengi. Existia uma ponte de madeira que interligava a Cidade Alta a Ribeira. Era um bairro que abrigava muitos comércios, plantações e armazéns de mercadorias exportadas para o estado de Pernambuco, posteriormente também caracterizado pela sua boemia. Também teve um lento crescimento, o que comprova que até meados do século XVIII, Natal pouco evoluiu.

Durante o século XVII, os bairros da Cidade Alta e da Ribeira constituíam os limites da cidade, que contava com poucos moradores e também tinha como única edificação a igreja matriz (ver figura 01). Nessa época a cidade pouco se desenvolveu. Pode-se observar na ilustração a seguir a limitada estrutura da cidade, e o alagado do rio Potengi era o que dividia os dois bairros.

**Figura 01 – Ilustração do município de Natal por volta de 1690**



**Fonte: MENDES (2007). (imagem constituída após pesquisa documental).**

Já no século XIX, nota-se um desenvolvimento considerável na cidade em relação aos séculos anteriores, no qual se vê mais ruas e mais construções pelos dois bairros, inclusive uma ponte interligando ambos. Não somente os edifícios cresceram, mas a dinâmica social e o comércio ficaram mais intensos. Mas apesar disso, Natal ainda não se configurava como uma grande cidade e crescia a curtos passos.

**Figura 02 – Ilustração do município de Natal por volta de 1840**



**Fonte: MENDES (2007). (imagem constituída após pesquisa documental).**

E dessa forma, a partir da evolução e do desenvolvimento que Natal sofreu e da preservação de alguns dos seus primeiros prédios e monumentos, pode-se remontar e contar a história dos primórdios da cidade, que é o legado do povo potiguar e é bastante diversificado e rico, no qual se tem muito potencial em desenvolver um roteiro para que outras pessoas também possam conhecer o Centro Histórico, despertando esse interesse não apenas dos turistas, mas também da população local.

Desde então, a modernidade chegava à Natal, com estradas, o bonde elétrico, carros, as construções e os prédios, dentre outros. Esses elementos obrigaram que a cidade tivesse um planejamento e ordenação urbana, buscando atender essas novas necessidades de ruas mais largas, quarteirões e avenidas medidos milimetricamente e planejados, preocupações que não existiam na época da fundação da cidade onde as construções eram bem mais simples e as ruas eram de areia.

Atualmente, a cidade já tem uma dinâmica diferente do que nos períodos citados acima, já foi expandida para uma área de 167,263 km<sup>2</sup> e compreende uma população de 803.739 habitantes (IBGE, 2010). Está fragmentada entre quatro regiões administrativas, sendo elas: norte – Lagoa Azul, Pajuçara, Potengi, N. S<sup>a</sup> da Apresentação, Redinha, Igapó e Salinas; Leste – Santos Reis, Rocas, Ribeira, Praia do Meio, Cidade Alta, Petrópolis, Areia Preta, Mãe Luiza, Alecrim, Barro Vermelho, Tirol e Lagoa Seca; Oeste – Quintas, Nordeste, Dix-Sept Rosado, Bom Pastor, N. S<sup>a</sup>. De Nazaré, Felipe Camarão, Cidade da Esperança, Guarapes e Planalto; Sul – Lagoa Nova, Nova Descoberta, Candelária, Pitimbu, Neópolis, Capim Macio e Ponta Negra (Prefeitura Municipal de Natal, 2013).

### 3.2 Políticas e ações de incentivo ao turismo cultural na cidade do Natal

Como já citado, Natal foi uma cidade que se desenvolveu de maneira muito lenta. Por vários séculos a capital tinha uma infraestrutura precária e insuficiente. Apenas no século XX que alguns equipamentos e serviços começam a chegar, de modo que antes disso, não era comum que pessoas de outros locais se deslocassem para conhecer a cidade. Sendo assim, o turismo é uma atividade recente em Natal. Segundo Fonseca (2005, p. 78):

Há vinte anos praticamente não havia turismo no Rio Grande do Norte. Apenas a partir de meados da década de 1980, com a construção do mega-projeto turístico Parque das Dunas/Via Costeira – PD/VC –, o Estado começa a receber fluxos turísticos do país.

Esse megaprojeto em conjunto com as ações do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR/NE) proporcionou o desenvolvimento da infraestrutura básica e turística em Natal, onde a cidade passou a ser vista pelo governo como oportunidade de investimento para a expansão dessa atividade e pelos turistas como opção de lugar para ser visitado. E dessa forma, várias foram as construções realizadas em Natal com o intuito de desenvolver o turismo, desde as estradas, o desenvolvimento da rede hoteleira, dentre outros (FURTADO, 2005).

Em relação ao Centro Histórico de Natal, uma das últimas ações contempladas pela prefeitura municipal foi ter sido selecionada para participar do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas. De acordo com o IPHAN, esse programa concebido pelo Ministério da Cultura selecionou várias cidades do Brasil que tem o seu patrimônio reconhecido nacionalmente ou internacionalmente. Assim, as cidades receberão investimentos para a recuperação, restauro e qualificação dos seus conjuntos urbanos e dos seus monumentos. No caso de Natal, foi contemplada a restauração do Forte dos Reis Magos, do Teatro Alberto Maranhão e a requalificação das praças do Centro Histórico, beneficiando diretamente o patrimônio material da cidade.

Outros incentivos que ocorrem é a promoção de alguns concursos ou festivais culturais que são realizados para estimular e premiar os artistas locais, e são realizadas atividades pontuais e de tempos em tempos para restaurar e preservar os patrimônios históricos da cidade, entretanto, é feito pensando para a população, o que conseqüentemente acaba atraindo o turista.

### 3.3 Levantamento do perfil socioeconômico e da percepção do turista que visita os bairros da Cidade Alta e Ribeira

Os turistas geralmente visitam o Centro Histórico de Natal através de passeios panorâmicos realizados por algumas agências de viagens dentro de ônibus, micro ônibus ou vans, no qual enquanto há uma breve explanação sobre o prédio, os turistas podem tirar fotos.

Dado esse fato, é mais comum ver os turistas no Centro Histórico apenas através das janelas dos transportes das agências de viagens e turismo, poucos são os que visitam os prédios da Cidade Alta e Ribeira, e essa foi uma das principais dificuldades para a realização da pesquisa de campo. Apenas eventualmente que os turistas circulam a pé pelos edifícios, e devido a esse fator, apenas 8 visitantes foram entrevistados durante a realização da pesquisa de campo. O quadro a seguir sistematiza os dados coletados referentes ao perfil socioeconômico dos turistas.

Quadro 01 – Perfil socioeconômico dos turistas

	Dados	Quantidade	Porcentagem
Gênero	Masculino	6	75%
	Feminino	2	25%
Idade	De 21 a 30 anos	2	25%
	De 31 a 40 anos	2	25%
	Acima de 50 anos	4	50%
Escolaridade	Ensino Médio	2	25%
	Superior	2	25%
	Pós-graduação	4	50%
Renda Salarial	De 3 a 5 salários mínimos	2	25%
	De 5 a 10 salários mínimos	4	50%
	Acima de 10 salários mínimos	2	25%
Ocupação	Empresa Privada	4	50%
	Emprego Público	2	25%
	Estudante	2	25%
Região de Procedência	Sudeste	6	75%
	Centro-Oeste	2	25%
<b>TOTAL</b>		24	100%

Como demonstram os dados acima, os entrevistados do Centro Histórico são em sua maioria do gênero masculino e adultos e idosos, de forma que 25% correspondem a pessoas de 31 a 40 anos e 50% de pessoas que possuem acima de 50 anos. Esse fato confirma que dentre os que participaram da entrevista, os jovens não têm um grande interesse pelo turismo cultural em Natal, visto que não há nenhum entrevistado com idade inferior a 20 anos, e apenas 25% corresponde a pessoas entre 21 e 30 anos.

Dentre os entrevistados, nota-se que a maioria possui alto grau de escolaridade, de forma que 25% possuem nível superior e 50% pós-graduação, o que reflete diretamente na sua renda, sendo que 50% recebem de 5 a 10 salários mínimos e 25% mais de 10 salários mínimos. Durante as entrevistas também foi constatado que a principal motivação dos turistas em visitar o Centro Histórico era de conhecer a história e a cultura local, confirmando o que Portuguese (2004) já havia apontado. A curiosidade em conhecer os costumes e hábitos atrai os turistas a vivenciarem novas experiências culturais de outras localidades distintas das suas.

Os dados a respeito das atividades ocupacionais e a região de procedência dos entrevistados demonstram que eles são em sua maioria funcionários de empresas privadas, correspondendo 50% do total, e procedentes da região sudeste, correspondendo a 75% do total, o que segue o padrão da maioria dos turistas que visitam Natal, segundo dados da pesquisa realizada pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (FECOMÉRCIO) em 2012.

Em relação à visita, todos alegaram que organizaram por iniciativa própria, motivados por conhecer a cultura e a história local, e adquiriram as informações através da *internet* e da indicação de amigos e de agentes de viagem. Dentre os prédios visitados, os turistas destacaram as igrejas e os museus. A visita atendeu a expectativa de todos os entrevistados, entretanto, aos que opinaram,

sugeriram que houvesse mais investimentos do poder público para melhorar a estrutura dos prédios e a infraestrutura dos bairros.

### 3.4 Proposta de roteirização da Cidade Alta

Os dados resultantes da pesquisa de campo realizada nos prédios da Cidade Alta e Ribeira foram definidos a partir da sua relevância histórica. Todas as informações fornecidas a respeito dos prédios foram coletadas durante a pesquisa de campo e durante a pesquisa bibliográfica em fontes secundárias que tratavam a respeito do objeto de estudo. O quadro a seguir apresenta os estilos arquitetônicos predominantes presente nas edificações encontradas no Centro Histórico de Natal.

**Quadro 02 – Estilos Arquitetônicos**

ESTILO	PREDOMINÂNCIA	DESCRIÇÃO
Colonial	Século XVI até o século XIX	Arquitetura produzida no Brasil desde o início da ocupação portuguesa até o século XIX. Eram construções simples, térreas ou assobradas (feito por quem tinha mais condições financeiras).
Barroco	Século XVII e XVIII	Caracterizado principalmente pelas suas formas não simétricas e pela sua decoração detalhista e excessiva, chegando até mesmo a ser extravagante em algumas obras.
Neoclássico	Século XIX	Marca a retomada cultura clássica, onde as edificações adotaram o padrão de corpo único e planta retangular, de modo que a sua estrutura e a sua fachada possuem uma rigorosa simetria.
Eclético	Século XIX e XX	É um estilo que possui uma grande liberdade ao ser empregado, podendo utilizar vários elementos de outros estilos arquitetônicos.

Fonte: Melo e Silva Filho (2007)

O roteiro pedestre pela Cidade Alta inicia-se no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) Cidade Alta, situado na avenida Rio Branco, e se encerra no prédio da A República, na avenida Câmara Cascudo, no qual compreende um total de 18 locais para visitação. O percurso compreende uma extensão entre 1,5 km e 2 km, com duração média de 2 horas.

**Figura 03 Identificação dos pontos do roteiro de visitação a Cidade Alta**



Fonte: Dados da pesquisa construído a partir do Google Earth

**Legenda:** 1. IFRN Cidade Alta - 2. Igreja de Santo Antônio/Museu da Arte Sacra – 3. Memorial Câmara Cascudo - 4. Praça André de Albuquerque – 5. Igreja Nossa Senhora da Apresentação – 6. Praça Padre João Maria – 7. Instituto Histórico e Geográfico/Coluna Capitolina – 8. Museu Café Filho – 9. Palácio Potengi – 10. Praça Sete de Setembro – 11. Palácio Felipe Camarão – 12. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – 13. Praça das Mães – 14. Capitania das Artes – 15. Solar João Galvão – 16. Solar Bela Vista – 17. Casa de Câmara Cascudo (Instituto Ludovicus) – 18. A República

Como já foi exposto, o Centro Histórico tem grande potencial para se tornar um atrativo de destaque em Natal, entretanto, várias intervenções devem ser implementadas. Vários fatores devem levados em consideração e desenvolvido para que o roteiro proporcione uma experiência positiva ao turista que está visitando. Nesse sentido, Bahl (2004, p. 35) afirma que:

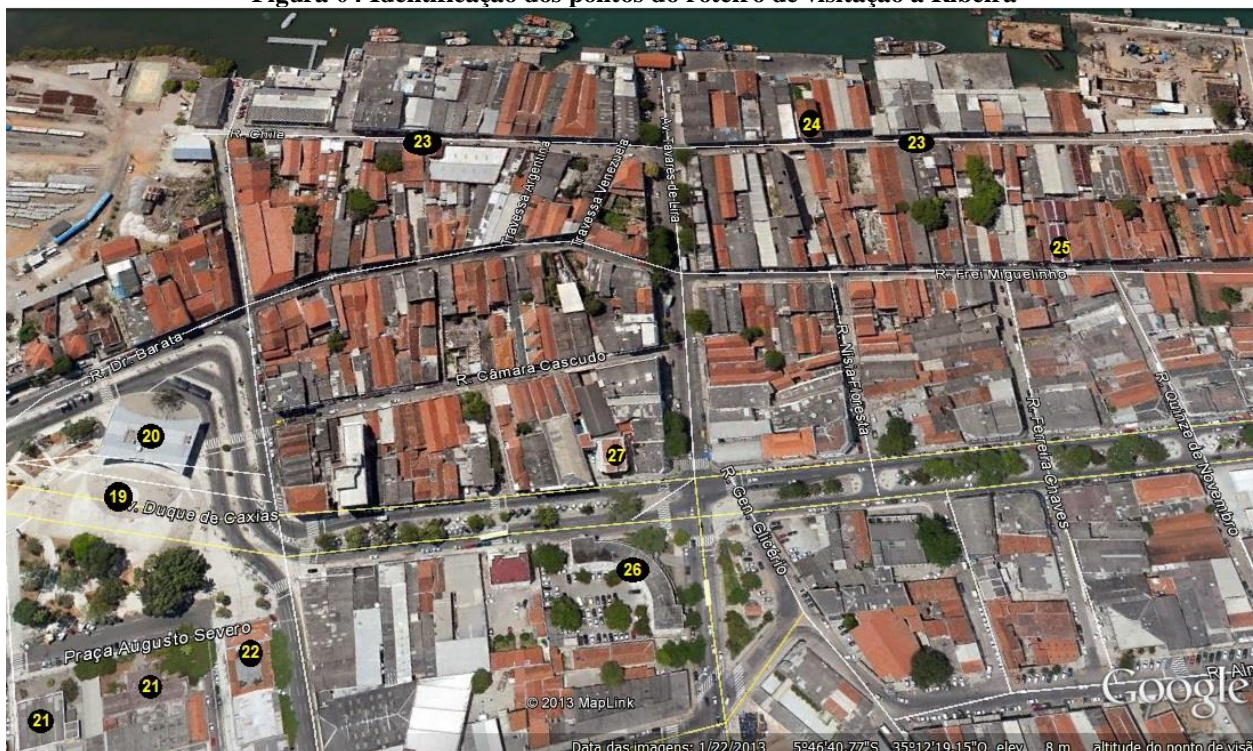
Os serviços e estruturas de recepção também influem na procura das localidades gerando, consequentemente, a necessidade de manutenção e conservação constante e a busca do equilíbrio, através da organização e planejamento dos serviços, equipamentos, instalações, saneamento, benfeitorias, vias de acesso e restaurantes, vislumbrando-se a absorção e expansão dos fluxos, a geração de rendas.

Durante as pesquisas bibliográficas e a pesquisa de campo através de entrevistas com os funcionários dos prédios históricos e turistas, notou-se os mesmos questionamentos e deficiências dos bairros da Cidade Alta e Ribeira.

Dentre os pontos em destaque, acentua-se a falta de sinalização turística para orientar as direções para os turistas. Informação é um elemento fundamental na interpretação e no entendimento das pessoas que visitam os prédios históricos (MURTA, 2002).

Dessa forma, os roteiros podem ser direcionados também aos Centros Históricos e atender à demanda do turismo cultural, onde em alguns pontos a sinalização turística e as informações não são suficientes para orientar os turistas, que na maioria das vezes não tem conhecimento sobre o local, e necessitam desse elemento para se deslocar nesses espaços e para ter mais autonomia no processo de conhecimento do patrimônio material das destinações turísticas.

**Figura 04 Identificação dos pontos do roteiro de visitação a Ribeira**



**Fonte: Dados da pesquisa construído a partir do Google Earth**

**Legenda:** 19. Praça Augusto Severo – 20. Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão – 21. Antiga Escola doméstica e Grupo Escolar Augusto Severo – 22. Teatro Alberto Maranhão – 23. Rua Chile – 24. Antigo Palácio do Governo (EDTAM) – 25. Casa da Ribeira – 26. Antigo Grande Hotel – 27. Sede do IPHAN

Já o roteiro pedestre pelo bairro da Ribeira inicia-se na Praça Augusto Severo e encerra-se em frente ao prédio da superintendência do IPHAN, na avenida Duque de Caxias, onde compreende

um total de 9 locais para visitação. O percurso tem uma extensão de cerca de 1,5 km, do qual tem a duração média de 1 hora a 1 hora e 30 minutos.

Dentre as principais melhorias que devem ser efetivadas no Centro Histórico, fator citado recorrentemente pelos turistas e funcionários públicos durante a pesquisa de campo, foi o descaso do poder público, de modo que vários prédios precisam de manutenção, além da limpeza das ruas, promoção da segurana e iluminação pública. Vários são os fatores a serem melhorados quanto à infraestrutura no Centro Histórico, mas para tanto,   necessário que o poder público se envolva com as questões e deficiências dos bairros históricos, e implementem políticas que os tornem agradável e apropriado para a convivência dos moradores e visitas dos turistas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas pela pesquisa estão relacionadas com o desenvolvimento do turismo cultural no Centro Histórico de Natal. Essa atividade pode proporcionar uma maior interao dos visitantes com a populao local, de modo a trazer benefícios e malefícios aos atores envolvidos nessa prática. Natal é uma cidade com recursos naturais em abundância, e os utiliza para atrair o turista a visitar o destino, entretanto, é salutar diversificar produtos e servios a oferecer como alternativas para esses visitantes.

Como foi discutido, o patrimônio e os centros históricos podem ser um fator motivacional para atrair os turistas a visitarem as localidades, e essa já é a realidade vivenciada por vários países e também por algumas cidades brasileiras. Para tanto,   necessário conservar o patrimônio material, além de melhorar a infraestrutura para atender melhor a demanda e, finalmente adequar os prédios e os profissionais que neles trabalham para receber esses fluxos.

Apesar da falta de divulgao e promoo, os turistas visitam o Centro Histórico a fim de conhecer mais profundamente sobre a história e cultura da cidade. As visitas proporcionadas pelas agências de viagens e turismo ocorrem por meio de visitas panorâmicas efetuadas por ônibus ou vans, entretanto, alguns turistas não ficam satisfeitos na sua totalidade, e sentem a necessidade de conhecer *in loco* através de visitaes ao interior do patrimônio.

O planejamento e a política são fatores relevantes no desenvolvimento dos destinos turísticos, de modo que ordenam e organizam as aes que devem ser executadas para o melhoramento da cidade e dos moradores. Ficou visível que esse é um setor com fragilidades na cidade de Natal, onde há a necessidade de uma interveno e controle mais incisivo por parte do poder público, contudo, não se percebe esse interesse.

O roteiro elaborado neste trabalho propõe orientar e fornecer informaes aos turistas que desejem visitar o Centro Histórico de maneira diferenciada do que é vendido pelas agências de viagens e turismo, ou seja, proporcionando uma visita realizada a p  pelos prédios que apresentam uma relevância na história, sobretudo na cultura potiguar. Esse roteiro foi elaborado a partir de uma análise e releitura dos elementos relevantes para que tal objetivo fosse alcanado.

Os turistas que visitam o Centro Histórico de Natal avaliam de maneira positiva o trajeto e os prédios, o que demonstra que há o interesse da demanda em realizar atividades mais constantes, entretanto, como foi constatado, as poucas interferências que há por parte do poder público ainda aparecem de forma muito tímida ou inexistem para o desenvolvimento dessa atividade.

Finalmente, acredita-se que os espaos públicos, bem como o patrimônio material e imaterial são espaos de lazer por excelência. A rua é vitrine do cotidiano, então, se pode pensar nelas como "passeios" pelos centros da vida da cidade, onde se perceberia a identidade dos grupos, seus comportamentos, culturas, aes. Quem que ver a cidade, sua cultura e seu habitante, precisa andar pelas ruas. No turismo cultural o passeio é o principal.

## 5 REFERÊNCIAS

- ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ACERENZA, M. A. **Administração do turismo: conceituação e organização**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ÁVILA, M. A. (org.). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: Editus, 2009.
- BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BARRETO, E. A. (et. al.). **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BARRETTO, M. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural. PAC 2. Brasília. Sem ano.
- CASCUDO, L. C. **História da cidade do Natal**. 3. ed. Natal: RN Econômico, 1999.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.
- DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.
- DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural – recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FERREIRA, L.; AGUIAR, L.; PINTO, J. Turismo cultural, itinerários turísticos, e impactos nos destinos. **Revista de cultura e turismo – CULTUR**, ano 06, n. 02, p. 109-126. 2012.
- FONSECA, M. A. P. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN. 2005.
- FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FUNARI, P. P. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.
- MENDES, C. **Centro histórico de Natal**. Iphan: Natal, 2007.
- Ministério do Turismo (MTUR). **Cultura e turismo**. São Paulo: IPSIS, 2007.
- Ministério do Turismo (MTUR). **Pesquisa de hábitos de consumo do turismo brasileiro**. 2009. Disponível em:  
[http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosfatos/demanda\\_turistica/pesquisa\\_habitos/Download\\_pesquisa\\_habitos/13.11.09\\_Pesquisa\\_Hxbitos\\_2009.pdf](http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosfatos/demanda_turistica/pesquisa_habitos/Download_pesquisa_habitos/13.11.09_Pesquisa_Hxbitos_2009.pdf) Acesso em 15 maio 2012.
- MURTA, S. M.; ALBANO, C. (org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: ED UFMG; Território Brasília, 2002.
- NÓBREGA, W. R. M. **Turismo e políticas públicas na Amazônia brasileira: instâncias de governança e desenvolvimento nos municípios de Santarém e Belterra, oeste do estado do Pará**. Belém: UFPA/PPGDSTU/NAEA, 2012. (Tese de doutorado).
- Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- PORTUGUEZ, A. P. (org.). **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo: Roca, 2004.
- SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos).
- TAVARES, A. M. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.